

## AS IMAGENS DA PAIXÃO: PLÁSTICA E MÍSTICA NOS EREMITÉRIOS DOS CARMELITAS

CÉLIA MAIA BORGES \*

### A Paixão de Cristo: a difusão de um ideário

As imagens da Paixão desempenharam um grande papel no período barroco como forma de devoção e como recurso para se alcançar a contemplação. O número de publicações e a circulação de livros nos séculos XVI e XVII sobre a vida de Cristo, principalmente a dolorosa, a chamada *Via Crucis*, é evidência desse fenômeno. Desde o final do século XV, a prática da meditação na Paixão de Jesus ganhava cada vez mais adeptos<sup>1</sup>.

A mentalização e interiorização da Paixão desenvolveu-se no período medieval e é a partir de S. Bernardo, sobretudo, que a vida de Cristo adquiriu destaque no cenário devocional<sup>2</sup>. No entanto, foi com São Francisco de Assis que a humanidade do filho de Deus se transformou no centro da piedade da religião católica.

A Via Crucis, gestada e reconstruída pelo trabalho da imaginação, refazia os momentos do suplício do Senhor no caminho do Calvário<sup>3</sup>; uma após outra sucedem-se as narrativas, visões e meditações da Paixão: S. Boaventura teria sido o responsável pela *Arbor Vitae*, modelo consagrado de meditação sobre o Cristo sofredor; Ubertino de Casale com *Meditationes* mostrou como «experimentar em si mesmo as dores de Cristo ao compasso do dia»<sup>4</sup>; a Fr. João de Caulibus atribuem-se, por outro lado, as *Meditationes Vitae Christi* ao mesmo tempo que a *Vita Christi* do Cartuseano conheceu grande popularidade.

Já no século XVI, na Península Ibérica, várias publicações de obras sobre a mediação na Paixão de Cristo refletem a força do movimento que perdurou em todo o século XVII e se estendeu pelo século seguinte. Frei Pedro de Santa Maria defendia que o fiel devia concentrar a atenção nas Chagas de Cristo; Frei Nicolau Dias, no *Tratado da Paixão* (1580), descrevia e orientava como meditar os passos de uma via-sacra; Frei Tomás de Jesus, em *Trabalhos de Jesus*, demonstra que a Paixão de Cristo constitui um saudável remédio para as agruras da vida<sup>5</sup>. Em 1571 saía do prelo, em Coimbra, a tradução da obra de Tauler que aborda os exercícios e meditações na Paixão de Cristo<sup>6</sup>. Contudo, não foram só os religiosos a fascinar-se pelo sofrimento de Cristo. A arte teatral com bastante vitalidade desenvolveu-se no final da Idade Média e ganhou as praças públicas no interior dos burgos por iniciativa de grêmios e confrarias. O tema antes restrito aos tratados teológicos, meditações místicas e sermões conquistou as ruas e, desta maneira, o teatro sacro assumiu a função de traduzir o drama do sofrimento com o povo a acompanhar as cenas no papel de coadjuvante<sup>7</sup>.

Embalada pelo drama litúrgico e pela mística, a Idade Média no seu final acabou por dar mais força e vida à iconografia da Paixão<sup>8</sup>. A dor de Cristo desdobrava-se em várias tipologias e os temas, a partir do século XIV, adquiriram uma grande amplitude e veicularam distintas formas, quer sob a forma de retábulos, esculturas e até de tapeçarias. Os sofrimentos e angústias do Senhor tornaram-se elementos de devoção e espelho para os fiéis que se compraziam com a sua dor e para os espirituais que procuravam em Cristo o caminho da contemplação. No início, a Via Crucis comportava somente sete Estações; no século XVII, por obra dos Franciscanos, chegaram a quatorze os lugares sagrados da Paixão<sup>9</sup>.

\* Professora Doutora  
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)  
celiamb@yahoo.com.br

<sup>1</sup> CARVALHO, José Adriano. «Evolução na Evocação de Cristo Sofrente na Península Ibérica (1538-1630)». In: Homenage a Elias Serrá Ráfols. Laguna-Canarias: Universidad, 1970, p. 48.

<sup>2</sup> DIAS, Silva, Correntes de Sentimento Religioso em Portugal, pp. 371-372.

<sup>3</sup> RÉAU, Louis. Iconographie de L'Art Chrétien. Iconographie de La Bible. Nouveau Testament, tome II. Paris: Presses Universitaires de France, 1957, p. 466.

<sup>4</sup> CARVALHO, Adriano, op. cit., p. 48.

<sup>5</sup> MARQUES, João Francisco. «Rituais e Manifestações do Culto». In: Carlos Moreira Azevedo (dir.), História Religiosa de Portugal. Lisboa, Círculo dos Leitores, vol. 2, p. 570.

<sup>6</sup> Devotos Exercícios e meditações da vida e Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, compostos por frey João Taulero, da ordem dos pregadores, traduzido do latim por hum religioso frade menor da Província da Piedade. Em Coimbra: por Antonio de Marijs, 1571.

<sup>7</sup> TRENS, Manuel. El Arte en La Pasion de Nuestro Señor, Siglos XIII al XVIII – Barcelona: Catálogo de la Exposición organizada bajo el alto Patronato del Ex.mo. Ayuntamiento de Barcelona, 1945, p. 18.

<sup>8</sup> Idem, p. 22.

<sup>9</sup> RÉAU, L., op. cit., p. 466.

O sofrimento de Cristo teve nos escritos da alta espiritualidade uma grande atenção: vários religiosos interessados na espiritualidade mística na Península Ibérica trataram do tema: Bernardino de Laredo (1482-1540), Teresa de Ávila (1515-1588), Luis de Granada (1505-1588), Diego Estella (1524-1578), Juan de los Angeles (1536-1609), para citar alguns, os quais se ocuparam sobretudo da meditação no sofrimento de Cristo. Teresa de Ávila, a fundadora dos Carmelitas Descalços, enfatizava a importância da concentração na imagem de Cristo como caminho oracional para se alcançar a contemplação<sup>10</sup>. A santa de Castela defendia que a imagem podia auxiliar a alma a experimentar a união mística, enquanto recurso à interiorização ao proporcionar uma visão e identificação com a dor de Cristo. Tanto que, ao defender o valor da imagem, ela escreve:

*E vi com clareza, e continuei a ver, que Deus deseja, para O agradarmos e para que nos conceda grandes favores, que os recebamos por meio dessa Humanidade sacratíssima, em que Sua Majestade se deleita. Muiíssimas vezes o tenho visto por experiência; [...] Tenho certeza de que temos de entrar por esta porta se quisermos que a soberana Majestade nos revele grandes segredos<sup>11</sup>.*

Na verdade, o culto à Humanidade de Cristo e o seu auxílio na contemplação mística foi uma das marcas mais salientes na atividade dos conventos dos Carmelitas Descalços.

#### **O ideal eremítico e os «santos desertos»**

Teresa de Ávila, auxiliada por São João da Cruz, orientou-se pelos ideais do seu tempo e esforçou-se por reviver o ideal anacoreta e, para isso, ambos criaram alguns eremitérios conhecidos como *santos desertos* em lugares afastados das cidades e de difícil acesso, restrito somente aos religiosos. Os Carmelitas Descalços privilegiaram as regiões desabitadas, algumas de clima hostil, de modo a dar corpo ao sonho de vivência anacorética, reservado aos membros das Ordens Primeiras. Devido à proibição de as mulheres ingressarem nos «santos desertos», Teresa de Ávila procurou recriar nos mosteiros femininos ermidas que teriam o objetivo de satisfazer o sonho do ermo, pelo qual as monjas pudessem experimentar, ainda que de forma reduzida, a vida de retiro<sup>12</sup>.

A idealização do ermo aparece também em São João da Cruz ao enaltecer as virtudes dos *desertos*, propícios à contemplação, associando-se ao projeto de reforma de Teresa de Jesus que comungava os ideais de sua época:

*Sabemos como os anacoretas, e outros santos eremitas, nos vastíssimos e ameníssimos desertos, escolheram o menor lugar, suficiente para habitarem, edificando estreitíssimas celas e covas onde se encerravam<sup>13</sup>.*

As províncias espanholas contaram com vários *desertos* dos Carmelitas Descalços: o de Bolarque foi fundado em 1592; o das Neves, na Andaluzia, em 1593; o de Batuecas, em Castela-a-Velha, em 1599; o de Cardon, na Catalunha, em 1606. Ademais, os eremitérios estendiam-se além-fronteiras: na Nova Espanha (México) erigiu-se em 1606 o dos Montes de Santa Fé; a província de Génova fundou o *deserto* de Varale em 1618 e o de Sae, na Polónia, em 1620<sup>14</sup>. Em Portugal, os Carmelitas Descalços criaram o famoso eremitério de Santa Cruz do Bussaco, único *santo deserto* da Ordem em terras lusitanas<sup>15</sup>.

Os Carmelitas Descalços não foram os únicos a aplicar-se na difusão desta prática.

<sup>10</sup> Teresa de Jesus, Livro da Vida, cap. 22, 6-7. In: Obras Completas. São Paulo, Edições Loyola, 1995.

<sup>11</sup> Ídem, vol. 22, 6.

<sup>12</sup> Ver Constituições, n.º 32.

<sup>13</sup> «Subida ao Monte Carmelo», livro III, capítulo XLII, Obras Completas, Petrópolis: Vozes, 2002, p. 425.

<sup>14</sup> SACRAMENTO, Fr. João do. Chronica de Carmelitas Descalços Particular da Província de S. Felipe do Reino de Portugal & suas Conquistas, tomo II, cap. IX, Lisboa, Na Officina Ferreyrenciana, 1721, p. 52.

<sup>15</sup> Adoto a grafia utilizada pelos cronistas da Ordem. Hoje, no entanto, escreve-se «Buçaco».

Outras ordens, conhecidas pelo rigor ascético de seus eremitérios, igualmente se concentraram no mesmo sentido. Os Franciscanos Capuchinhos, da província de Santa Maria da Arrábida, implantados em Portugal em 1539, são uma referência deste imaginário e um marco na geografia religiosa da sociedade portuguesa da época<sup>16</sup>.

A Serra da Arrábida aparece como lugar mítico onde os frades se entregavam à extrema pobreza e ao excesso de penitências. O isolamento do lugar, a aspereza geográfica, as celas ou sepulturas mínimas, onde os religiosos passavam por várias provações, compõem nestes discursos um cenário no qual projetavam a imagem de um *locus* sagrado.

Os capuchos – como mostrou Silva Dias em dilatado estudo consagrado à espiritualidade portuguesa dos séculos XVI e XVII – gozaram de uma grande influência sobre as massas populares e sobre a nobreza na segunda metade do XVI<sup>17</sup>. Os adeptos da vida ascética e mística cresciam. No decurso do século XVI, várias *correntes de espiritualidade* se afirmaram na Península Ibérica, impulsionadas pela circulação de livros de alta espiritualidade<sup>18</sup>. Não se pode, é certo, dimensionar a influência destas correntes na sociedade, bem como os grupos envolvidos, a não ser pelas informações do Santo Ofício<sup>19</sup>. A par dos livros e dos religiosos que atraíam adeptos para a vida contemplativa, algumas figuras se notabilizaram pela sua aura de santidade, pois arrastavam seguidores pelos caminhos por onde palmilhavam. Os que se retiraram para o ermo e viveram a condição de eremitas eram respeitados pela maior parte dos grupos sociais. Monarcas, religiosos e leigos de todas as condições sociais, desde nobres a plebeus, todos lhes prestavam reverência.

Ainda que as normas do Concílio Tridentino restringissem as experiências ascéticas a religiosos e proibissem a leigos de se aventurar pela vida eremítica, não faltando mesmo as censuras ao caráter espetacular das disciplinas, os eremitas preencheram o cenário mítico da Península Ibérica e de algumas partes da América. Fernando De la Flor diria mesmo que os aspectos exteriores do ascetismo corporal por parte dos religiosos formaram o teatro da Contrarreforma<sup>20</sup>.

A divulgação das práticas ascéticas e místicas dos eremitas teve nos cronistas das ordens e em outros religiosos os seus principais precursores, embora importantes registros tivessem sido deixados também por leigos. É o caso de escritores e poetas que expressaram um ideal da época e comemoraram a vida contemplativa dos mosteiros e ajudaram a veicular uma aura de santidade dos seus membros.

Nas práticas de mortificações nos eremitérios, as representações plásticas deram suporte ao asceta, conduzindo-o a espelhar-se na dor de Cristo. Por isso, os vários *desertos* trataram de construir diversos nichos dos *Passos da Paixão* para que em determinados períodos do ano, principalmente na semana santa, pudessem realizar suas ásperas mortificações, tendo como exemplo os sofrimentos do Senhor. As representações plásticas adquiriram fundamental importância neste processo, pois auxiliavam nos exercícios oracionais em busca da contemplação.

#### **As Imagens da Paixão: o cenário da dor**

Seguindo o princípio da Ordem, o tema da Paixão encontra-se ricamente desenvolvido no convento dos Carmelitas Descalços da Província de São Felipe, conhecido como Santa Cruz do Bussaco. Os religiosos da época, com o apoio de alguns benfeitores, edificaram as várias Estações dos Passos<sup>21</sup>. A Via Sacra conta com quinze Capelas: seis dedicadas aos Passos da Prisão, que se inicia com as cenas de Jesus no Horto e finaliza com a de Pretório de Pilatos. As outras nove são dedicadas à Paixão, terminando no Calvário<sup>22</sup>. O cronista do Carmelo Descalço faz uma descrição pormenorizada de cada um dos Passos, narrando a representação dramática das várias cenas imaginárias sobre o que deveria ter sido o calvário de Cristo, pelo que vale a pena chamar a atenção para a descrição do cenário onde Pilatos deu a sentença. Diz o cronista:

Fonte: iconografía Y Arte Carmelitanos, Madrid Turner, 1991



Ecce Homo - Anônimo. Segunda metade do XVII  
Granada. Convento de São José. Cella da Santa Madre  
Madeira policromada. 80,5 x 58 x 41 cm

*[...] Do átrio do Pretório divisa o Palácio de Pilatos, [...] em um alto edifício, que o denota soberbamente sumptuoso, acompanhado de um levantado torrião, em cada uma das duas extremidades. Entra-se e ele, por cada um dos lados, por uma escada de pedra lavrada; mas sobem-se pela porta principal vinte e oito degraus, que a devoção costuma levar de joelhos, em memória de outros tantos, que Cristo Nosso Senhor subiu para casa de Pilatos, quando a ela o levaram preso. Representa-se a fala Real do Pretório, em uma Capela Pintada de jaspeados; que ao meio do altar contem uma grande Imagem de Cristo. Fica diante do altar uma varanda, de grades de pedras arqueadas e polidas da qual Pilatos, tendo ao Senhor da mão, está dizendo ao povo: Ecce Homo. Defronte da varanda, está levantada no meio de um terreiro redondo, uma grossa coluna de pedra, à qual foi atada e açoutada a...Majestade. [...]<sup>19</sup>.*

Note-se que o tema do Ecce Homo tem sido fundamental para os Carmelitas Descalços. Essa escultura era a predileta de santa Teresa [imagem 1]. Ela diz nos seu Livro da Vida que foi ante uma destas representações que o Senhor começou a despertar sua alma:

*Aconteceu-me de, entrando um dia no oratório, ver uma imagem guardada ali pra certa festa a ser celebrada no mosteiro. Era um Cristo com grandes chagas que inspirava tamanha devoção que eu, de vê-Lo, fiquei perturbada, visto que ela representava bem o que Ele passou por nós<sup>24</sup>.*

<sup>16</sup> Segundo Fr. António da Piedade a fundação teve origem na transferência de Fr. Martinho de Santa Maria da sua Província de Cartagena para a Serra da Arrábida, tendo recebido do duque de Aveiro a ermida ali existente dedicada a Nossa Senhora da Arrábida.

<sup>17</sup> DIAS, J. S. Da Silva. *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal (séculos XVI a XVIII)*. tomo I, Coimbra, Universidade de Coimbra, p. 155.

<sup>18</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>19</sup> Maria de Lurdes Correia FERNANDES. «Da Reforma da Igreja à Reforma dos Cristãos: reformas, pastoral e espiritualidade. In: Carlos Moreira Azevedo (dir.), *História Religiosa de Portugal*, vol. 2 Lisboa: Círculo de Leitores: 2000, pp. 15-47.

<sup>20</sup> FLOR, Fernando R. de la. *Barroco. Representación e Ideologia en el Mundo Hispánico (1580-1680)*, Madrid, Ediciones Cátedra, 2002, p. 262.

<sup>21</sup> Os benfeitores foram o Reitor da Universidade de Coimbra, Manoel de Saldanha, e o Bispo D. João de Melo.

<sup>22</sup> *Crônicas dos Carmelitas Descalços*, cit., p. 113.

<sup>23</sup> Teresa de Jesus. *Livro da Vida*, 9,1. op. cit.

<sup>24</sup> *Iconografía Y Arte Carmelitanos*. Madrid: Junta de Andalucía, 1991, p. 140.

<sup>25</sup> A meditação sobre o Ecce Homo também se encontra no cartuxo Antonio de Molina, em seus *Exercícios Espirituais*, publicado em 1615.

<sup>26</sup> Idem.

<sup>27</sup> Idem, pp. 119-120.

Em função do destaque alcançado nos escritos da santa de Castela, a imagem adquiriu extraordinária importância nos conventos, não só pelo aspecto devocional mas, acima de tudo, porque integrava a experiência oracional contemplativa da líder espiritual da Ordem. A importância desta imagem pode ser determinada pela sua presença constante nos claustros da Ordem dos Carmelitanos Descalços. Pelo aspecto dramático que carrega, ganhou evidência tanto no interior dos conventos como na sociedade barroca<sup>25</sup>. Enquanto modelo devocional dos santos da Reforma Católica, a imagem converteu-se no centro das meditações<sup>26</sup>.

Mas voltemos às ermidas dos Carmelitas Descalços. O cronista chama a atenção para o fato de os religiosos terem que enfrentar um longo e árduo percurso até conseguirem percorrer todas as Capelas e cumprirem as suas práticas ascéticas que “[...] *de continuo fazem os nossos Ermitães, de todos descalços, com uma corda ao pescoço, uma coroa de espinhos na cabeça, e sobre as costas uma pesada Cruz*”<sup>27</sup>.

A idealização dos Passos da Prisão e da Paixão encontrava-se representada em um mapa na primeira capela da Paixão. Junto à ermida, uma mesa de pedra lisa, de cerca de oito palmos de comprimento e quatro de largura, situada em um terreiro, rememorava Pilatos e o seu tribunal. A sentença contra Cristo achava-se esculpida na referida mesa. Uma Cruz de onze palmos de altura, postada na cabeceira da mesa, era usada pelos ermitães quando repetiam o calvário de Jesus. Após mais vinte e seis passos, avistava-se a segunda Capela com o seguinte letreiro: «Memória do lugar, em que puseram a cruz às Costas a Cristo Senhor Nosso». Na terceira capela encontrava-se representada a primeira queda de Cristo, desfalecido com o peso da Cruz. A quinta, mais sessenta passos acima, reproduzia o encontro de Maria esternecida com o Filho ensanguentado e o olhar do Filho para a Mãe, banhada em lágrimas. Eis, a propósito, a narração do cronista: «Nela [a capela]

representa umas figuras muito ao vivo, a inexplicável mágoa»<sup>28</sup>. O cronista continua a descrever as demais capelas com grande realismo, finalizando na última, a Capela do Calvário, onde se deram os Passos da Paixão.

Mas além das várias capelas delineadas para reproduzir a Prisão e o Calvário de Cristo em Jerusalém, no interior do convento propriamente dito, o claustro, havia ainda uma grande Cruz em cortiça, fixada num suporte de três degraus, que o cronista chamava de Calvário; os religiosos serviam-se dela nas suas disciplinas e subiam a crucificar-se, voluntária e quotidianamente: *martírio a que se expõem e do qual cessam, segundo o arbitrio do Prelado*<sup>29</sup>.

Infelizmente, a maior parte das imagens foram retiradas do seus nichos e substituídas por outras em meados do século XX. Por isso, o que sobra, na maior parte das vezes, são as capelas com alguns elementos que permitem acompanhar a descrição dada pelos cronistas da Ordem.

Exposto isso, cabe concluir que a presente comunicação procurou evidenciar a importância das imagens da Paixão na espiritualidade carmelita e também na espiritualidade teresiana. Teresa d'Ávila, de resto, insistia no fato de que a meditação sobre a imagem do Cristo sofredor possibilitava a interiorização da vivência da dor do Senhor e, por isso, constituía um suporte auxiliar aos graus necessários à perfeita contemplação<sup>30</sup>. Os seus herdeiros espirituais assumiram integralmente este legado e, como tal, adotaram nos espaços religiosos a plena identificação com o sofrimento do Senhor.

<sup>28</sup>Idem, pp. 119-120.

<sup>29</sup>Idem, p. 102.

<sup>30</sup> Ver também a este respeito, Florisone, Michel. *Esthétique et Mystique. D'Après Sainte Thérèse D'Avila Et Saint Jean de La Croix*. Paris: Éditions du Seuil, 1956, p. 74.